

## **MILITARISMO E IRRACIONALIDADE**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo, 22.06.1982*

A possibilidade de um holocausto nuclear mundial não é uma hipótese vaga. É uma ameaça concreta apesar da sua absoluta irracionalidade. O comportamento militarista de Israel, que pratica um genocídio no Líbano, com o apoio e conivência dos Estados Unidos, é uma indicação desta ameaça, felizmente, porém, contrabalançada pela recente manifestação pacifista em Nova York.

A invasão do Líbano e o assassinato em massa de civis palestinos e libaneses em nome da segurança de Israel e da necessidade de liquidar com a OLP são sintomas dessa irracionalidade paranóica que ainda assalta o homem moderno. A atitude racista e belicista de Begin evidentemente causa repulsa em todo mundo, inclusive em um grande número de judeus dentro e fora de Israel. Mas essa repulsa, na medida em que é minoritária dentro do próprio Estado de Israel, não impede o genocídio.

Por outro lado, a conivência dos Estados Unidos, que continuam a armar Israel com os meios de destruição mais modernos, é um fator decisivo para explicar a agressividade de Israel.

É claro que à primeira vista há uma distância muito grande entre a atividade militar limitada de Israel e um holocausto nuclear. Essa distância, entretanto, deixa de ser tão grande se percebermos que a irracionalidade paranóica não é prerrogativa de Israel. Os Estados Unidos, não apenas ao apoiar Israel, mas também ao dedicar-se a uma corrida armamentista sem limites, recentemente agravada pela política de Reagan, demonstram que aquele mal é muito mais disseminado do que se pensa.

Na verdade o militarismo norte-americano, que sofreu um retrocesso depois da derrota no Vietnã, reacendeu-se nos últimos anos. A vitória de Reagan nas últimas eleições foi apenas uma indicação desse fato. É comum vermos nos Estados Unidos “especialistas” fazendo friamente os cálculos de quantos norte-americanos sobreviveriam a uma guerra nuclear. Os cálculos, baseados geralmente na idéia do ataque surpresa, são obviamente

imbecis. Ninguém sobreviverá a uma guerra nuclear. Mas há muita gente nos Estados Unidos que, preocupada com a defesa do “mundo livre”, considera a hipótese de uma guerra mundial, ou, preferivelmente, de uma guerra nuclear regional, como algo que embora não seja desejável, talvez não possa ser evitado. Existem até jogos para crianças nos Estados Unidos dos quais faz parte a hipótese da guerra nuclear na Europa.

Como se vê, não são apenas os israelenses que se preocupam paranóica e irracionalmente com sua própria segurança.

Neste quadro, um fenômeno alentador foram as grandes manifestações pacifistas que começaram a ocorrer na Europa há cerca de um ano. Mas especialmente importante foi a grande manifestação pacifista ocorrida há cerca de dez dias em Nova York. Pela primeira vez o povo americano, que parecia submetido à paranóia militarista, manifestasse. Se os Estados Unidos não fossem uma democracia, essa manifestação não teria importância. Provavelmente sequer ocorreria. Mas as bases democráticas ainda que imperfeitas da sociedade norte-americana nos deixem um pouco mais tranquilos. Resta esperar que outras manifestações desse tipo ocorram nos Estados Unidos de forma a novamente se formar uma maioria anti-militarista naquele país. Uma mudança nessa direção poderia, inclusive, conter a própria agressividade de Israel. (22/06)